



BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"

Tombo N.º 1091

n

Fig. 1111
No. 1111

PÚBLICA
es Less
n.º _____

Comunicado
Provisório

AS CAMPAINHAS

COMEDIA EM UM ACTO

POR

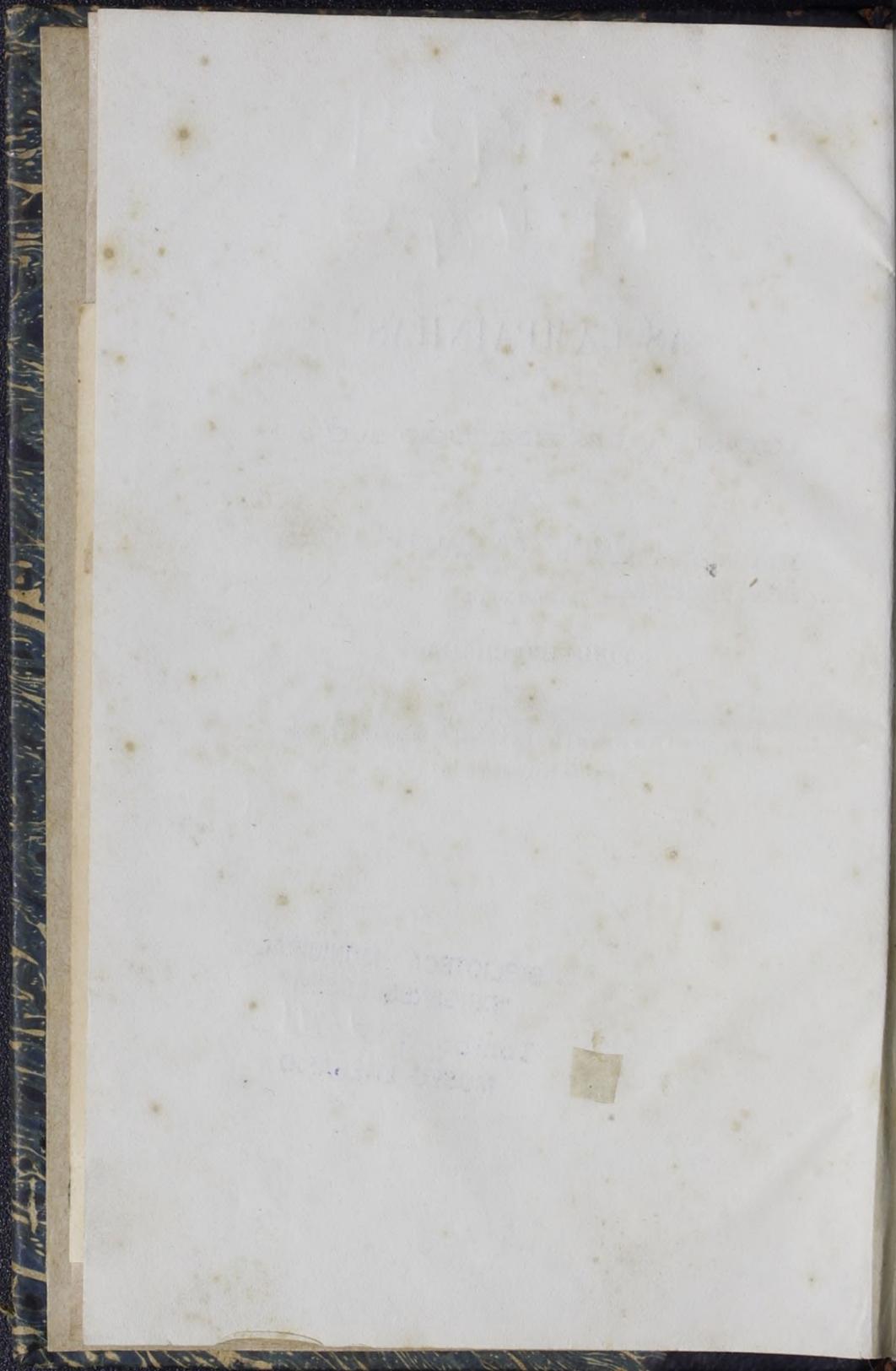
H. MEILHAC E L. HALEVY

TRADUÇÃO DE

PINHEIRO CHAGAS

Representada pela primeira vez em Lisboa, no theatro da Trindade
em 4 de fevereiro de 1873

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"CRIGENES LESSA"
Tombo N.º 1091
MUSEU LITERÁRIO



PERSONAGENS

FRANCISCO PIMENTA LEONI
ROSA PIMENTA R. DAMASCENO

Actualidade

PLANTING

PLANTING IN THE ...
PLANTING IN THE ...

...

ACTO UNICO

O theatro está dividido ao meio. Dois quartos de creados mobilados com certo gosto. Á direita o quarto de Francisco, á esquerda o de Rosa. Entre os dois quartos uma porta de comunicação, fechada. Ao fundo duas janellas de sacada praticaveis. Em cada quarto duas portas, deitando uma d'ellas para uma escada de serviço que vae ter, a de Rosa, ao quarto da marquezia, e a de Francisco, ao do marquez. No quarto de Rosa, uma alcova proximo da janella. Mesa á direita. Armario ao pé da porta da escada. No meio, mesa de pé de gallo, com candieiro e cesto de costura. No quarto de Francisco, leito com cortinados perto da janella. Á direita, mesa com escovas, pentes, etc. Mala aos pés da cama. Á esquerda, junto da porta de comunicação, lavatorios de ambos os lados. Cadeiras em ambos os quartos. Em cada quarto uma campainha electrica.

SCENA I

Rosa (Sósinha. Está cosendo ao pé da mesa de pé de gallo, em cima da qual está um candieiro acceso. Alguns instantes de trabalho silencioso. Rosa dá mais luz ao candieiro. Ouve-se uma carruagem. Rosa levanta-se, vae á janella e olha. Fim da musica.) — É a senhora marquezia que vem para casa... Lá está o malvado na almofada!... O malvado vem a ser meu marido!... Apeia-se, abre a portinhola... Olá! o senhor mar-

quez tambem vem com a senhora!... Já entraram...
 (Fecha a janella.) Tenho de ir ajudar a senhora a deitar-se. (Accende um castiçal.) Tenho de ir lá abaixo... mas antes... (Vae á porta de comunicação e fecha-a á chave.) O malvado não tarda... Vem aqui para o lado, para o seu quarto, e no seu quarto ha de ficar... sósinho!... sósinho! e sósinho!!! (Corre com muita energia os ferrolhos a cada «sósinho» que diz, e inclina-se para a porta para escutar.) Já o uço... vem pela escada acima... vem pela escada acima o descarado!... (Pega no castiçal e desce pela escada da esquerda. Entra Francisco pela escada da direita.)

SCENA II

Francisco De libré de gala. Traz um rolo na mão. Accende com o rolo uma véla que está em cima da mesa. Depois dá um ou dois giros pelo quarto, olha para a porta de comunicação e põe-se a cantarolar.)

N'um castello velho
 D. Sancho vivia...

Eu canto, mas é para exprimir a indiferença...
 (Chega-se á porta de comunicação, olha pelo buraco da fechadura, e continua cantarolando.)

N'um castello velho

Não está cá... então não vale a pena exprimir a indiferença. (Pendura o chapéu á direita, põe as luvas para um lado, o capote, ou o que trouxer, por cima do casaco, para outro. Procurando abrir a porta de comunicação, que resiste.) Sempre fechada! (Com furia.) Ha quinze dias que esta porta está fechada! E porque?... fazem favor de me dizer porque?... É a berlinda!... é a historia da berlinda... (Desatando a rir.) com a ingleza! Mas c'o a bréca, senhores, pois então se eu confessei que tinha feito asnei-

ra!... Parece-me que, logoque um marido confessa que fez asneira, logoque o confessa, e diz assim: «Está bom! não fallemos mais n'isso! acabou-se!...» parece-me que a mulher não deve tambem agora embirrar... (Tira a sobrecasaca, dependura-a á esquerda, e fica de libré de todos os dias.) Mas por isso é que não estão, nem a senhora marquiza de Castro Novo, nem Rosa Pimenta... A marquiza de Castro Novo é a mulher do patrão... Rosa Pimenta é... cá a minha mulher!... a minha tyrannica esposa. (Entra Rosa. Francisco principia a desabotoar as polainas.)

SCENA III

ROSA e FRANCISCO

Rosa (Pondo o castiçal em frente do armario.) — Oh! oh! oh! oh! Lá em baixo estão os ares muito turvos! Quando eu cheguei, dizia a senhora ao senhor: «Já lhe disse que sim», e o senhor dizia assim para a senhora: «Já lhe disse que não!» Não ouvi o resto, porque a senhora mandou-me embora... e toda zangada: «Tire-se d'aqui! Venha quando eu a chamar!» É o que eu digo: os homens são tão bons lá em baixo como cá em cima, e cá em cima e lá em baixo olhem que são frescos! são!... (Senta-se ao pé da mesa, e sentando-se arrasta a cadeira. Francisco que acabou de tirar as polainas, ouve a bulha da cadeira e volta-se para o quarto de Rosa.)

Francisco — Ah! Já chegou de fóra a minha senhora! (Chega-se á porta de comunicação, primeiro bate devagarinho, depois com mais força. Rosa, que recomeçou a trabalhar, encolhe os hombros sem responder. A final Francisco sacode a porta com violencia.)

Rosa — Então isso para ahi acaba ou não acaba?

Francisco (Largando a porta e desatando a rir.) — É a berlinda, bem sei, é a berlinda!

Rosa (Em voz baixa, cosendo sempre.) — Nunca jamais em tempo algum, entendes, miseravel, nunca por nunca ser. (Cose com furia.)

Francisco (Olhando pelo buraco da fechadura.) — Está damnada! Olhem como ella está damnada! Ih! aquelles deditos andam ali n'uma dobadoira... zitta... zitta... zitta...

Rosa (Que acaba de picar o dedo.) — Ai!... (Levanta-se.)

Francisco — Foi bem feito!

Rosa (Voltando-se para o lado da porta.) — Que é?

Francisco (Indireitando-se.) — A indiferença, agora, salta a indiferença... (Começa a cantarolar uma tyroleza.) Tra, la, lá, la, lá, ou, la ou...

Rosa — Ah! elle canta! elle canta quando por sua causa acabo de... (Enrola com furia um trapo no dedo.)

Francisco — Que eu indifferente não estou tal, isso não estou... eu tenho-lhe um grande fatcaz... sim, eu amo a valer a minha cruel, a minha tyranica esposa... Mas é o mesmo, toca a fingir a indifferença, que é para a amansar. (Torna a cantar, passeiando pelo quarto.) Tra la lá la ou la ou!...

Rosa — Ah! tu cantas! Espera! espera que eu já te arranjo!... (Põe-se a cantar a mesma aria.) Lá ou!... lá ou!...

Francisco — Não ha remedio senão amansal-a... (Canta com mais força.) La ou! La ou!

Rosa (Fazendo o mesmo.) — La ou!... la ou!...

Francisco — Hei de amansal-a, isso hei de! (Canta com toda a força, Rosa tambem. Ambos correm ao mesmo tempo para a porta de communicacão, e de cada lado d'essa porta fechada, ambos, ameaçando-se um ao outro com gestos furiosos, continuam a cantar a sua tyroleza, e chegam a fazer um tal barulho, que Rosa primeiro não ouve a campainha da marquezia. A final ouve-a, e então corre para a escada.)

Rosa — Ahi vou, minha senhora, ahi vou! (Para Francisco que não cessou de cantar.) Deixa! deixa! quando eu voltar continuaremos... Ahi vou, minha senhora, ahi vou! (Sáe levando a véla.)

SCENA IV

Francisco (Cessando de cantar.) — Olha! estão a tocar... Ah! é a campainha da senhora marquezia de Castro Novo... Brr... Brr... (Imitando a campainha electrica que não cessa.) Ih! como ella está damnada, como a senhora marquezia está damnada! (A campainha pára.) Está quasi tão damnada como a Rosa Pimenta!... (Olha pelo buraco da fechadura.) Ah! foi lá abaixo... se eu aproveitasse o ella não estar para ver se podia... (Procura arrombar a porta, a porta resiste.) Não ha maneira, não ha maneira! Que elle póde-se ir ao quarto de minha mulher por este caminho (Mostrando o fundo.) pela janella... saltando de uma varanda para a outra... mas é perigoso... (Agarra em duas cadeiras que representam as duas varandas e põe-nas a certa distancia uma da outra.) Primeiro tem que se pôr o pé n'uma bordinha, e depois deitam-se as mãos á sacada... e faz-se assim... faz-se assim... (Desenha o movimento, pendendo-se o mais possível, escorrega, e á segunda experiencia quasi que dá um trambulhão. Segurando-se.) Aqui não é perigoso por causa do sobrado, mas lá entre as duas varandas, não ha sobrado, nem cousa que se pareça... ha o vacuo, o nada, e por baixo do nada o lagedo do pateo... Pois com tudo isso, apesar do caso não ser para graças, tenho muitas vezes tido essa idéa, e agora mesmo... (Vae ao fundo, e abre a janella.) Sim! agora mesmo! O que é um homem estar namorado! Sente-se

a gente capaz de tudo!... (Fechando a janella.) se não tivesse mão em si, mas é que tem a gente mão em si... (Torna a descer.) E não ha remedio senão ir-me deitar... como todas as noites me deito... ha quinze dias a esta parte. É bem feito, para eu não ser tolo! para me não deixar apanhar! porque o meu crime está só em me ter deixado apanhar! Aqui está o senhor marquez que não fez menos do que eu... mas não foi apanhado... E quem o livrou de ser apanhado? Eu, fiel e desgraçado servo! Eu estava na almofada do trem... O cocheiro, mais eu, mais o patrão íamos todos tres para casa de uma cantora, que mora na rua Larga de S. Roque. Ali a S. Pedro de Alcantara, deito o luzio, e quem hei de eu ver n'um trem de praça? A senhora marqueza a apontar para a nossa carruagem, assim como quem dizia ao cocheiro: «É aquella mesma!» E vae eu então, não estive lá com uma, nem com duas, começo... toc... toc... a bater no vidro do coupé!... O senhor marquez ao principio até imaginou que eu lhe estava faltando ao respeito, mas a final sempre correu o vidro, e eu então disse-lhe muito ceremoniosamente: «O senhor marquez desculpe, mas eu julgo que devo prevenir a v. ex.^a de que a senhora marqueza vem ali n'um trem, e está aqui está a catraflar-nos». E vae elle tornou: «Pois dize ao Sebastião que não pare a S. Roque»... E fomos até ao gremio... e o senhor marquez não foi apanhado... e eu fui! Ahi está a differença... eu fui apanhado com a bôca na botija; na botija, quero dizer na berlinda... Tudo por causa do diabo do canito que se poz a ladrar... um canito d'este tamanho... pois cra uma peste... era uma

peste o raio do animal! (Passa para trás das cortinas da cama, para acabar de se despir. N'este momento entra Rosa.)

SCENA V

ROSA e FRANCISCO

ROSA (Entrando com o castiçal.) — Oh! oh! oh! oh! Aquillo lá por baixo está cada vez peor... Não sei que embrulhada é aquella do gremio... mas o senhor foi para o seu quarto, e a senhora sempre ficou mais agoniada... Onde estará agora a agua de flor de laranja? Onde estará o frasquinho? (Encontra-o em cima do fogão, e sáe com elle, dizendo): Estão lá por baixo os ares muito turvos, estão muito turvos!

SCENA VI

FRANCISCO (Deitado e enfiado por baixo do cobertor, abre as cortinas assim que Rosa desapareceu.) — Era uma peste o raio do animal!... e d'aqui a nada elle por ali vem, o maldito cão, vem morder-me as pernas... Todas as noites... mal adormeço, tenho logo um pesadelo... O remorso, o pavido remorso!... É do estomago... Procuro enxotar o raio do animal... e elle a voltar á carga... Então acordo e não posso tornar a dormir... a insomnia, a cavernosa insomnia!... Vejam se isto é posição para um marido, para um marido casado com uma mulher que é muito sua!... Bem feito! Para eu não ser tolo! Para não me deixar apanhar... O senhor marquez, esse ao menos... (Sentando-se na cama.) É a final de que lhe serviu não ser apanhado? A ensaboadella sem-

pre elle chuchou, que eu bem vi! Ao saírem de S. Carlos, o senhor e a senhora metteram-se na carruagem sem dizerem palavra, e com umas caras!... Eu cá á portinhola á espera das ordens... E o policia desatou a gritar: (Com voz grossa.) «Então, mexem-se d'ahi ou não se mexem?» Eu cá á espera... A final o senhor marquez sempre disse: «Para casa». E vae a senhora marqueza disse tambem assim: «Então esta noite não vae ao gremio?» Era ironia... eu estava mortinho de riso!... era ironia! (Volta Rosa.)

SCENA VII

ROSA e FRANCISCO

Rosa (Apagando a vèla, e pondo-a em cima da mesa.) — Bem! bem! não me parece que a senhora durma muito esta noite, mas emfim sempre se deitou, e eu posso fazer o mesmo. (Vae á alcova e arranja a cama para se deitar.)

Francisco (Virando-se e revirando-se na cama.) — Que dizia eu?... É a insomnia, a cavernosa insomnia!... N'estas occasiões é que eu me lembro da janella... para ir ao quarto de minha mulher pelas duas varandas... Ah! se não houvesse perigo... mas ha perigo, ha!...

Rosa — Parece que a senhora disse ao senhor marquez as ultimas cousas, até receia ter-se excedido... E tem apenas desconfianças!.. O que faria ella então se apanhasse seu marido como eu apanhei o meu? Sim, isso é cá a historia da berlinda!

Francisco (Como homem que está quasi a adormecer.) — Comtanto que o diabo do câo não venha... Ah! se

não houvesse perigo!... mas ha perigo, ha!...

(Adormece de cara virada para a porta.)

Rosa (Depois de ter olhado pelo buraco da fechadura.) — Nada!
O miseravel dorme!... Dorme ou finge dormir...

(Continua andando no quarto de um lado para o outro, e fazendo seus preparativos para se deitar.) Eu já uma vez o tinha apanhado com a ingleza... miss Sara... una aia que se ajustou para a educação dos meninos... quando os houvesse... e vae ella então... como ainda não havia meninos... tomára á sua conta a educação do meu homem... Eu já os tinha apanhado no corredor... que elles assim que me lobrigaram, separaram-se logo, e o pateta do senhor meu homem começou a querer atrapalhar, e a contar pelos dedos... *one... two... three...* para ver se me fazia engulir que a ingleza tinha ido ali para o corredor ensinar-lhe a sua lingua... mas eu é que não caí na esparrela. Disse para o Francisco: marche adiante de mim. A menina Sara, a essa, avisei-a que a primeira vez que a pilhasse a dar lições de inglez, dava-lhe eu uma tarefa portugueza. Passaram-se oito dias sem novidade, mas no fim dos oito dias... ah! ah! cá estamos nós na berlinda! Eu ia a atravessar o pateo, e ia até levar á senhora o seu jornal. O *Bob*, que é um cãesito muito alegre e muito brincalhão, vem para mim a ladrar e a saltar, para ver se me apanhava o jornal... eu começo tambem a brincar, e a levantar o braço assim, e a rir, e a dizer: Não o apanhas, *Bob*, não o apanhas; mas *Bob* tanto saltou, tanto saltou que a final deitou-lhe os dentes, e elle ahi vae!... Eu deito a correr atrás do cão para lhe tirar o jornal... a porta da cocheira estava aberta, *Bob* entra para lá,

e eu entro atrás de Bob arremelgando muito os olhos, porque se não via nada, e arregaçando as saias para passar por entre as rodas... A cocheira é immensa!... Lá para o fundo estão as carruagens antigas, e entre ellas a berlinda, a berlinda, a famosa berlinda! a berlinda amarella... uma reliquia de familia... N'essa berlinda é que o pae do senhor ía á camara dos pares no tempo da Maria da Fonte... e ao pé da tal berlinda é que eu dou com *Bob*. (Deixa-se cair n'uma cadeira á direita.) O cão largára o jornal e estava firme como uma rocha! De repente, zás! dá um pulo e atira-se á portinhola a ladrar... uau! uau! e cinco ou seis vezes a fio, saltou e resaltou... ladrando sempre... uau! uau! uau!

Francisco (Agitando-se na cama.) — Lá está o diabo do cão! Lá está elle!

Rosa — Vae senão quando do fundo d'essa berlinda saiu uma voz... a voz que me jurára fidelidade aos pés do altar, a dizer assim: «Tu não te calas, bruto do inferno, tu não te calas?»

Francisco (Atormentado pelo pezadelo.) — Cá está o bruto do inferno! Cá está elle!

Rosa — E como o bruto do inferno não se calava, como o bruto do inferno não cessava de ladrar, corre-se um dos vidros da portinhola e apparece uma cara, a cara d'elle, a cara do malvado! Dá commigo, e para ver se me engrolava, deita para fóra as mãos muito espetadas, e começa a contar como no corredor, *one, two, three*... mas ainda elle não tinha contado até *three*, e já eu corrêra á portinhola, abrira-a... (Levanta-se.) e ahí estamos nós dentro do trem, eu e o cão... Então passou-se

n'aquella berlinda... o que provavelmente nunca se passára em berlinda alguma d'estes mundos todos!... Eu desunhava-me que era um regalo!... Dava castanha a torto e a direito!... A ingleza, aterrada, grasnava na sua lingua... Bob ladrava na sua... e o pateta do meu homem, completamente perdido de cabeça, continuava a contar *one, two, three*... E por isso é que elle está d'aquelle lado e eu d'este, com a porta de communição fechada... Que lá dizer que eu tenho muito gosto n'isso, não tenho.

Francisco (Acordando de todo.) — Bonito! Aqui estou eu acordado... e é-me impossivel, completamente impossivel tornar a adormecer. A insomnia... a cavernosa insomnia!... (Torna a fechar as cortinas.)

Rosa — Não, eu não tenho gosto n'isto, é verdade; mas, como sei que elle que se damna... teimo para a frente... (Francisco sáe de detrás das cortinas. Enfiou umas calças e um jaleco.)

Francisco — Nada!... isto não é possivel! (Dá duas ou tres voltas pelo quarto, vae espreitar pela fechadura e vê a mulher que se está principiando a despir.) — Olá! olá! (Torna a collocar duas cadeiras como as poz na scena 4.^a, torna a começar a experiencia pendendo-se duas ou tres vezes, vae abrir a janella do fundo, olha, volta, torna a espreitar pela fechadura, medita, e a final resolve-se.) Não é lá dizer... não é lá dizer... d'esta vez vae o pulo... vae o pulo d'esta vez!... (Corre á varanda, deita as pernas para fóra da sacada e desaparece. Musica na orchestra. Passado um instante ouve-se o barulho de um vidro quebrado, e ouvem-se grandes gritos de Francisco por trás da outra janella.) Olá! olá!

Rosa (Assustada.) — Oh! meu Deus! o que é aquillo?

Francisco — Quem me acode?

Rosa — **Francisco!** (Corre á janella. Vê-se Francisco fazendo inutilmente esforços desesperados para trepar á varanda.)

Francisco — Ai! ai!

Rosa (Agarrando-o.) — **Aguenta, que eu aqui estou! aguenta, não largues!** (Depois de uma luta que deve durar algum tempo, consegue que Francisco passe as pernas para dentro da sacada, depois impelle-o para o proscenio, e fal-o sentar, tremulo, atrapalhado, grotesco. Fim da musica na orchestra.)

Francisco (Sentado ao pé da mesa.) — **Onde está o meu braço?... A minha perna onde é que está?... E a outra perna?... e o outro braço?...** (Agarra-se com a mão esquerda á cadeira.)

Rosa (De joelhos, desagarrando com esforço o braço de Francisco.) — **Aqui o tens, meu amigo...**

Francisco — **Ah! Bom.** (Relanceia em torno de si vagos olhares.)

Rosa — **Vamos... torna a ti... o perigo já lá vae!** (Vae-lhe buscar um copo de agua que tinha enchido para si.) **Bebe, filho, bebe!...** (Francisco bebe. Rosa falla-lhe como se estivesse com uma creança.) **Aguinha para o meu menino.** (Dando-lhe o resto do assucar na colherinha.) **Assucarinho para o Chico.** (Francisco engasga-se e ella bate-lhe nas costas.) **Ah! tosse má!... tosse má!... já passou!** (Francisco apalpa-se, olha em torno de si, está um pedaço silencioso, depois desabafa.)

Francisco (Violentamente, levantando-se.) — **Muito bem!... muito bem! está satisfeita a tua vaidade feminina, não é assim? Toda te regalavas se eu tivesse partido as costellas por tua causa, minha franganita com gosma?**

Rosa (Pondo o copo em cima.) — **Franganita, com... Que estás tu a dizer, cão rateiro de uma figa, que estás tu a dizer?**

Francisco — **E repito: minha franganita com gosma!**

Rosa (Suffocada.) — Ora vejam se não é de uma pessoa se danñar!... Eu aqui a apaparical-o, e a enternecer-me... porque?... por elle ter querido dar um saltinho assim... (Mostra metade do braço.) de uma janella para a outra.

Francisco (Furioso.) — Um saltinho assim!

Rosa — E o desastrado nem ao menos o conseguiu... Dava um trambulhão mestre se eu lhe não acudo. (Torna a vestir o casaquinho que despira.)

Francisco — Um saltinho!... Ah! cada vez melhor!... depois de ter praticado tamanho acto de intrepidez... assim é que me recebem... muito bem!... (Campainha.) E então agora lá estão a tocar!... e é o senhor marquez a chamar-me. (Gritando.) Prompto, senhor marquez, prompto! (Correndo pelo quarto como um doudo.) Mas por onde hei de eu sair?

Rosa — Sáe pela janella!

Francisco — Pela ja... É ironia! tal qual como a senhora marqueza de Castro Novo... é ironia! (Campainha.) Ahi vae, meu amo, ahi vae!... Não, não saío pela janella, saío pela porta. (Abre os ferrolhos da porta de comunicação.) Mas saío para me ir embora... e nunca, entendes?... nunca... e escusas de te pôr toda pimpona... porque tens depois o trabalho de te despimponares... nunca lhe tornareí a ultrapassar os umbraes. (Volta para o seu quarto.)

Rosa — Olha! é o que deves fazer!... (Campainha.) A senhora tambem! mas que terão elles ambos, pae do céu?! (Accende um castiçal.) Ahi vou, minha senhora, ahi vou!

Francisco (Voltando ao quarto.) — Agora sim! agora é que tudo acabou entre nós, porque d'esta vez quem o diz sou eu... sim, sou eu mesmo que o

digo... (Voltando para o seu quarto.) E olha! a ingleza, tu sabes quem é a ingleza?

Rosa (Parando de subito quando já ia para descer a escada.) — A ingleza! (Campainha.) Ahi vou, minha senhora, ahi vou! (Correndo ao quarto de seu marido.) Que dizes tu da ingleza?

Francisco — Mandou-me dizer onde morava, e eu ainda lá não fui, mas agora... (Campainha.) Prompto, senhor meu amo, prompto! (Vae para sair, Rosa corre atrás d'elle e agarra-o.) Agora estou lá caído!

Rosa — Pois vae!... podes ir á tua vontade!... que eu bem sei o que hei de fazer... (Vae para o seu quarto, elle corre atrás d'ella.)

Francisco — Has de fazer o que?

Rosa — Tu verás!...

Francisco — Pois olha, tambem faze lá o que te der na cabeça, que eu com isso é que me não importo para nada... (Vae-se embora, ella corre atrás d'elle.)

Rosa — Ah! não te importas?

Francisco — Para nada!

Rosa (Voltando para o seu quarto.) — Podias tel-o dito ha mais tempo!... (Sáe pela escada.)

Francisco — E não me faças subir a mostarda ao nariz, sim, não me faças subir a mostarda ao nariz! (Sáe, apenas elle desapareceu, Rosa torna de subito a entrar.)

Rosa — Ah! elle ameaçou-me!... (Atravessa a scena como uma setta, chega até á escada de Francisco, e torna a atravessar a scena, dizendo.) O que lhe valeu foi safar-se, foi o que lhe valeu! (Campainha.) Ahi vae, minha senhora, ahi vae! (Rosa sáe. Apenas ella desapareceu, Francisco volta, atravessa a scena, e chega á escada de Rosa.)

Francisco (Gritando para a escada.) — E não me faças subir a mostarda ao nariz! Surriada, que fui eu

que venci! (Torna para o quarto e vae olhar para a janella.) Um saltinho assim!... É enorme o intervallo das duas varandas... é enormissimo! O que ella queria era que eu repetisse... A vaidade!... a eterna vaidade feminina! faz-me lembrar... (Campainha.) Ahi vae já, senhor marquez, ahi vae já!... Faz-me lembrar a aventura de uma madama de outras eras... uma madama da côrte de D. João V, que tinha ido passeiar ao passeio da Estrella d'esses tempos, com um camarista de el-rei D. Manuel... É historico! Ella deixou cair o lencinho dentro da gaiolla do leão, e vae depois começou a bradar: «Ai o meu lenço! ai o meu lencinho bordado», catrapiscando o olho para o camarista, como quem diz: «Vae buscar o perdido»... (Campainha.) Prompto, senhor marquez, prompto! Sim, e o camarista o que fez? Não esteve lá com meias medidas, deitou o gada-nho á madama, e ferrou com ella dentro da gaiola do leão?... É historico! Ferrou com ella dentro da gaiola do leão, dizendo-lhe assim: «Quer o lenci-nho, pois então vá buscal-o!»... Depois teve pena, porque ella ainda era parenta da rainha D. Maria I... É historico!... Mas então que querem? N'aquelles tempos não se estava lá com ceremonias... (Campainha furiosa.) Ahi vae já, senhor marquez, ahi vae! Tambem que pressa! Não tem uma pessoa tempo nem para se coçar! (Sae. Entra Rosa.)

SCENA VIII

ROSA, depois FRANCISCO

Rosa (Indo ao quarto de seu marido.) — Onde está este malvado? onde está elle? Ainda não voltou! Pois é

pena! (Volta para o seu quarto.) Gostava de lhe dizer que o deixo, que saio d'aqui... mais a senhora! É que lá por baixo tambem as cousas estão muito embrulhadas!... A senhora tornou-se a levantar, e teve com o senhor outra entrevista, e essa entrevista em que veiu a dar foi em partirmos nós ambas; retirâmo-nos para casa da mãe da senhora... e a mãe da senhora não móra ali á esquina, mora no Algarve! (Vae buscar uma mala que está debaixo da mesa, e puxa-a para o proscenio.) Ora ahi está em que pararam as modas!... Ao romper do dia partimos para o Algarve. (Abre a mala. Entra Francisco.)

Francisco — Ora esta! Sempre me succedem cousas! Então não partimos nós para Inglaterra, a estas horas!... Antes de romper o dia, eu e o senhor marquez havemos de estar a caminho de Londres... A minha mala!... (Vae a buscar aos pés da cama, e põe-na em cima de duas cadeiras. N'estas voltas Rosa e Francisco encontram-se um defronte do outro. Encaram-se um instante, depois voltam-se as costas. Principiam a cantarolar com um modo indifferente. Rosa principia a arranjar a sua mala. Francisco quer arranjar a sua, mas não encontra a chave.) Bonito!... bonito!... agora não tenho a chave da mala! (Depois de alguns momentos de hesitação decide-se a entrar no quarto de sua mulher, que recomeça a cantarolar.) Sinto muito vir incommodar a v. ex.^a, mas como no tempo em que v. ex.^a era minha mulher, v. ex.^a era quem tinha todas as chaves, vejo-me obrigado a pedir a v. ex.^a que me dê a chave da minha mala.

Rosa (Ajoelhada ao pé da sua.) — A chave da sua mala?

Francisco — Visto que tenho de emprehender uma viagem... Mas, ó céus! dir-se-ia que v. ex.^a tambem está fazendo os seus preparativos para uma proxima digressão?

Rosa (Continuando a arranjar a mala.) — E é verdade que estou.

Francisco — Ah! v. ex.^a vae partir? com isso muito folgo. . . Mas sem querer entrar no terreno das recriminações, nem fazer allusões de qualquer especie ao passado, ser-me-ha permittido saber para onde v. ex.^a se *tinga*, ou, fallando com mais nobreza, para onde me passa o pé?

Rosa — Vou para o Algarve com a senhora.

Francisco — Ah! vae para o Algarve com a senhora, inuito bem! V. ex.^a vae para o Algarve com a senhora, e eu vou para Inglaterra com o senhor.

Rosa (Levantando-se suffocada.) — Para Ingla. . .

Francisco — . . . terra! Para Inglaterra!

Rosa (Friamente.) — Muito bem! Aqui está a chave da sua mala. (Dá-lh'a.)

Francisco — Muito obrigado! . . . (Fica um instante indeciso, depois volta para o seu quarto, abre a mala, etc., etc., e ambos recomeçam a cantarolar.) O que a apoquenta é que eu vá para Inglaterra, por causa das inglezas. . . a mim tambem me apoquenta. . . mas é por causa do mar. . . E, ora vamos, porque não hei de eu confessal-o? Não é só por causa do mar que isto me apoquenta. (Volta ao quarto de sua mulher, e olha para ella sem dizer palavra. Rosa finge não fazer reparo n'elle.) E então, vamos a saber, demoram-se muito tempo lá pelos Algarves?

Rosa (De joelhos diante da mala que acaba de fechar.) — O mais tempo que possível for.

Francisco (Senta-se á direita.) — Muitissimo bem. . . e já se vê, sempre sem querer fazer recriminações, posso-lhe perguntar como é que tenciona passar as noites na terra dos figos seccos?

Rosa — Que lhe importa?

Francisco — Que me importa! Essa é muito boa! É que a final de contas a senhora usa do meu nome... E eu não quero que o meu nome vá passar por lá as passas do Algarve!

Rosa (Sentando-se a um canto da mala, depois de a fechar.) — Dizia ainda agora que lhe não dava isso o mínimo cuidado!

Francisco — Não me ha de dar cuidado saber o que tenciona fazer do meu nome de Pimenta na patria da alfarroba!

Rosa — Segundo vejo, mudou de parecer... Pois se mudou de parecer, é dizel-o... sim... diga... vamos... diga para ahi. (Levanta-se.)

Francisco (Levantando-se tambem e passando á esquerda.) — Hum! hum!

Rosa — Dize-o, anda, meu pateta! dize que estas de pena, se eu me separo de ti!... dize que rebentas de raiva, se eu me lembro de enxovalhar o nome de Pimenta... dize, que tens zelos e que me tens amor!... Pois se tu não me tivesses amor, arriscavas-te a quebrares as costellas para entrares no meu quarto? Dize que adoras esta franganita com gosma, meu Iñez de Horta... Dize, anda...

Francisco (Sentando-se na mala.) — E se eu cair n'essa, tu que me respondes?

Rosa — O que te respondo?

Francisco — Sim.

Rosa (Deixando-se cair no collo de Francisco.) — O que eu respondo? Tu bem o sabes, que bem sabes que te amo, minha carranca de chafariz!... Basta que te lembres!... Quando eu casei contigo não eras tu só que pedias a minha mão... Era o Antonio Bar-

rigudo, o merceeiro da rua de S. Domingos, era o cocheiro d'aquelle duque hespanhol... Quatorze cavallos na cavallariça... Olha que é melhor que ser correio de ministro! e o sobrinho da senhora!...

Francisco (Sorrindo.) — O sobrinho da senhora queria casar contigo?

Rosa — Pouco mais ou menos... E eu a todos desprezei, e porque? porque te amava! E, se eu te não amasse estava agora com estas festinhas, e com estes tagatés... apesar do caso da berlinda?

Francisco — Está bom! está bom!

Rosa — E porque é que eu esqueço que tu é que tens as culpas todas?... (Levantando-se.) Ah! Deus vingador, mas o que é verdade é que as culpas todas são d'elle! (Torna-se-lhe a sentar no collo.) e que pelo contrario sou eu que te peço perdão... Porque sou eu uma tolinha e uma babosa, se não é por te amar?

Francisco — Tu me amas?

Rosa (Desatando em soluços.) — Oh! sim! (Passa os braços á roda da cabeça de seu marido, e encosta a cabeça ao hombro esquerdo de Francisco.)

Francisco — Não vale envergonhar. Quando o amor se emprega em rapaz que tenha os meus attractivos, uma rapariga não se envergonha, e diz até: Bem empregado!

Rosa (Levantando-se.) — Meu Chico!

Francisco (Levantando-se tambem.) — Minha Rosinha... (Mudando de tom.) E olha lá, tu confessas que é enorme o intervallo das duas varandas?...

Rosa — Confesso, confesso!

Francisco — Tu dizias que era um pulinho assim... (Faz o gesto.)

Rosa — Enganei-me. Era um pulão... assim... (Estende os braços o mais que pôde.)

Francisco — E olha que esse pulão dei-o eu...
É historico! Minha Rosinha!

Rosa — Meu Chico!... (Campainha.)

Francisco (Que ia a beijar Rosa.) — Lá tocam a campainha!

Rosa — E é a senhora. Está com pressa de se ir embora. (Campainha.) Está até com muita pressa!

Francisco — Ó senhores, mas o que se passaria lá por baixo! fazem favor de me dizer?

Rosa — Eu não sei, mas a senhora está que parece uma leão.

Francisco — E o senhor!... Está que parece um Perú!... E olha que para uma pessoa tão distincta como o senhor marquez parecer um Perú... olha que é necessario... (Campainha.)

Rosa — Que impaciencia!

Francisco — Vae, anda, filha!

Rosa — Ahi vou minha senhora, ahi vou. Meu Francisco! (Chora.)

Francisco (Desatando a chorar tambem.) — Minha Rosa!... Cá estamos nós, como dois chafarizes, a confundirmos as nossas lagrimas.

Rosa (Com voz entrecortada pelos soluços.) — E parece-me que nunca, desde que o mundo é mundo, houve em toda a natureza tão tocante espectáculo!

Francisco (Chorando ainda mais.) — É historico!

Rosa — Meu Chico!... Ahi vae, minha senhora, ahi vae! (Chora.)

SCENA IX

Francisco (Só, volta para o seu quarto e continua a arranjar a mala.) — Sempre fizemos uma grande asneira em nos reconciliarmos, quando vamos ser separados pelo

destino!... Minha Rosa!... (Fecha a mala e leva-a para o fundo.) Emfim, tudo isto não valia de nada se eu tivesse a certeza de não enjoar!

SCENA X

FRANCISCO e ROSA

Rosa (Na escada.) — Francisco! Francisco!

Francisco — Houve caso!... O que foi?

Rosa (Entrando a correr, toda fatigada, no quarto de Francisco.)

— Francisco! Francisco! Já não partimos!

Francisco — Olá!

Rosa — Agora é que eu sei porque a senhora tinha medo de se ter excedido... A senhora tem a mão leve... e parece que depois de uma explicação ácerca do gremio...

Francisco (Rindo.) — Do gremio, bem sei!

Rosa — A senhora commetteu a imprudencia de ferrar no senhor marquez... (Faz o gesto de bofetada.)

Francisco — Um tabefe!

Rosa — E dos bons!

Francisco — Um homem tão distincto!

Rosa — O senhor marquez ficou todo zangado, e foi logo para os seus aposentos... D'ahi a pedaço, a senhora, já arrependida, quiz-lhe ir pedir perdão... mas o senhor marquez tinha-se fechado á chave, e não quiz abrir, nem á mão de Deus Padre!

Francisco — Um perú, que te dizia eu? um verdadeiro perú!

Rosa — Foi então que a senhora, enxofrando-se tambem, quiz ir...

Francisco — Para o Algarve.

Rosa — Sim, mas depois reflectiu. A senhora tambem ama o seu marido! quer por força ir-lhe pedir perdão, mas como ha de ser se todas as portas estão fechadas?... Eu então lembrei-lhe que podia subir pela minha escada, descer pela tua, e entrar assim no quarto do senhor marquez... Ella acceitou logo. Mas o peor era que não podia diante de ti...

Francisco (Sem perceber palavra.) — Diante de mim!

Rosa — E eu então disse-lhe que não havia perigo, porque tu estavas a dormir... na minha alcova.

Francisco — Eu!

Rosa — Sim, e a senhora marqueza está com pressa!... Vae para a minha alcova, toleirão!

Francisco (Doido de alegria.) — Ó Rosinha! Pois isso é serio?... Então ficámos bem?

Rosa — Que remedio!... Não quero que a senhora marqueza nos julgue mal casados... Preciso de lhe dar o bom exemplo... sacrificio-me.

Francisco — E o mundo inteiro ha de applaudir-te! E quando se contar o caso, hão de todos dizer assim: É historico.

Rosa (Para o publico.)

Assignou-se a paz na alcova!
Mas tratado conjugal,
que não tenha as vossas palmas,
nunca pôde ser legal.

Francisco —

As tres salvas são precisas.
Já se sabe... *one, two, three,*

(Rosa salta-lhe a uma orelha.)

Ai! ai! ai! mas se quizerem
não se fiquem por ahi.

(Ouve-se tocar furiosamente a campainha da marquezia. Ambos, para o fundo.)

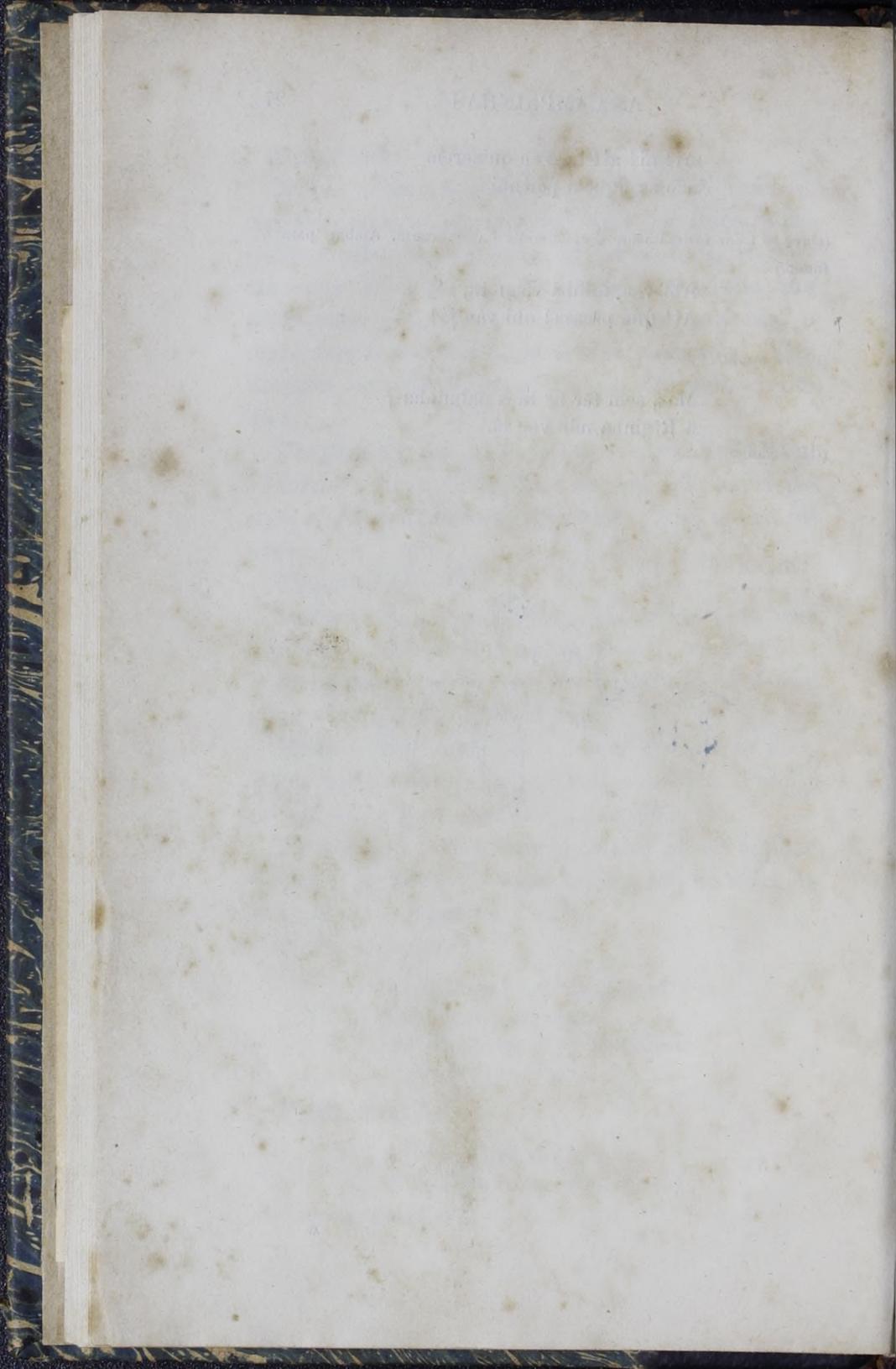
Ahi vae, minha senhora,
Ai! que pressa! ahi vae já!

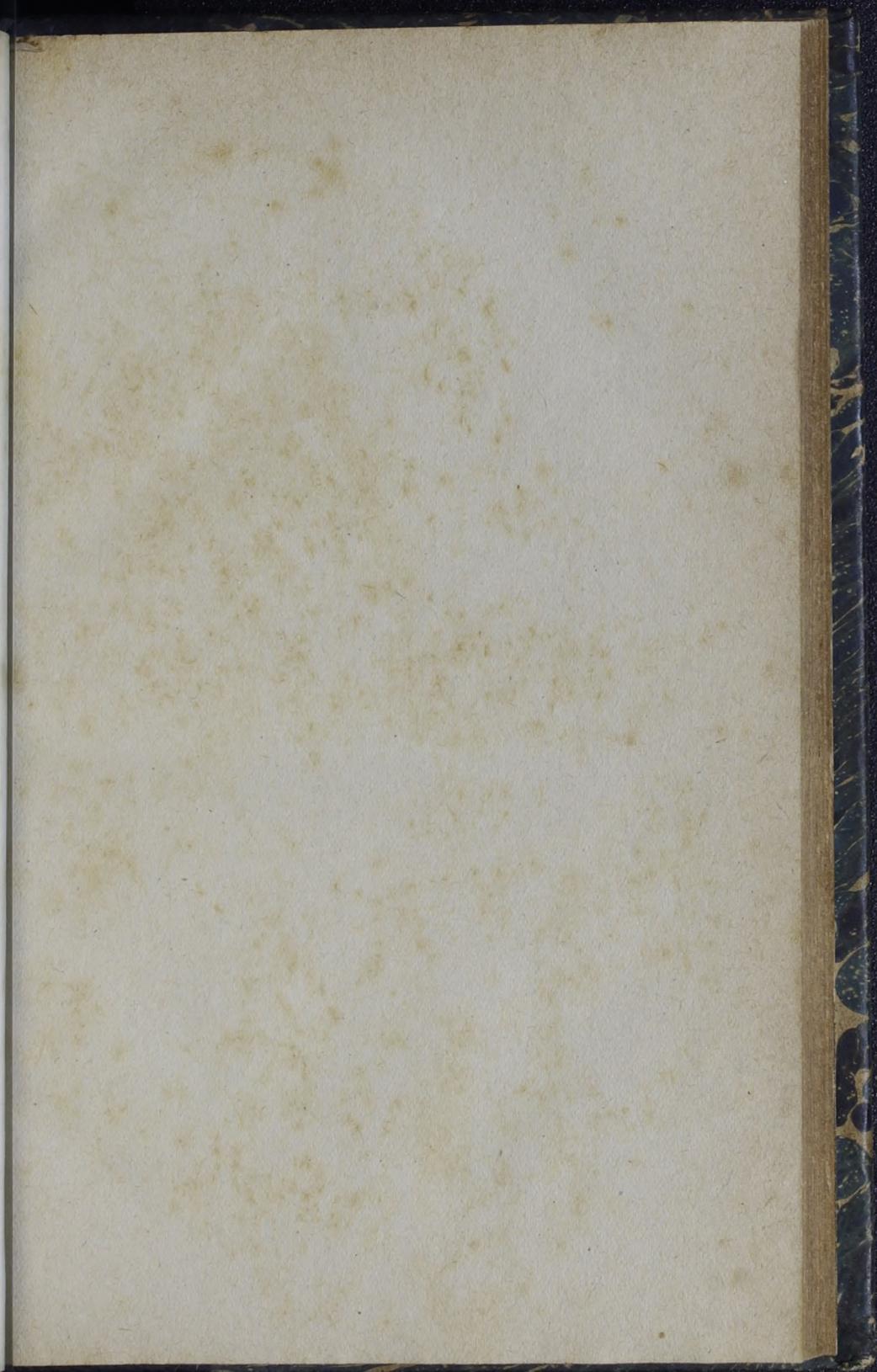
(Para o publico.)

Mas, sem ter as tacs palminhas,
a Rosinha não vae lá.

(Cae o panno.)

23.9.53
Rio, (M)





Th.

egs

P.B.

095
M449c

